



## ***A PRIMEIRIDADE E INFINITO NA GRÉCIA ANTIGA E NA AMAZÔNIA***

*Adelio Alves da Silva*

Pós - Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP/Marília. Pesquisador da Universidade Paulista Júlio de Mesquita - Marília e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: adelio27@gmail.com.

### **RESUMO**

Apresenta a experiência de Primeiridade e 'Infinito', como um princípio universal e atemporal. Na história do pensamento, ela surge nos poemas concebidos por Homero (Ilíada e Odisseia), sua ocorrência acontece em qualquer lugar, sem mudar a sua forma, não importa o período histórico. Essa mesma experiência ocorreu quando o poeta Lauro esteve pela primeira vez na Amazônia. Nela ele identificou as mesmas manifestações das experiências, do pastor, do marinheiro e do vigia que compõem os poemas de Homero. Cada representante da cultura da Grécia antiga foi substituído no mesmo poema por um representante da cultura amazônica (índio, barqueiro e ribeirinho) sem alterar a sua estrutura. Como condição de unidade do poema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Primeiridade. Conceito de número. Infinito. Experiência. Contemplação.

## ***FIRSTNESS AND INFINITE IN ANCIENT GREECE AND THE AMAZON***

### **ABSTRACT**

Presents the experience of Firstness and 'Infinity', as a universal and timeless principle. In the history of thought, it arises in the poems conceived by Homer (Iliada and Odyssey), their occurrence happens anywhere, without changing its form, no matter the historical period. This same experience occurred when the poet Lauro was for the first time in the Amazon. In it he identified the same manifestations of the experiences, of the shepherd, sailor and watchman who compose the poems of Homer. Each representative of the culture of ancient Greece was replaced in the same poem by a representative of the Amazonian culture (Indian, boatman and riverine) without changing its structure. As a condition of unity of the poem.

**KEYWORDS:** Firstness. Infinite. Concept of number. Experience. Contemplation.

## 1 A PRIMEIRIDADE E O INFINITO NA GRÉCIA ANTIGA - HOMERO

Antes de refletir sobre a categoria de primeiridade e infinito, temos que apresentar o contexto histórico em que Homero estava inserido. Com Homero<sup>1</sup> nasce propriamente a literatura grega por meio, da *Iliada* e da *Odisseia* que são epopeias da fase final do movimento épico da Grécia. Estes dois poemas vão sendo construídos lentamente e se fundindo num conjunto de conhecimentos pré – existente: mítico, poemas, lendas, etc.

Os dois poemas se referem a uma realidade histórica extremamente anterior a sua composição. Há que se estabelecer uma distinção entre a realidade da guerra de Tróia – incontestável segundo as descobertas arqueológicas – e o nível mitológico - ou fabuloso da interpretação ou interpretações dadas ao fato histórico em questão. Ainda, não devemos esquecer a tradição oral que foi se desenvolvendo durante séculos, particularmente pelos aedos<sup>1</sup>, que foram recitando aos sons da lira, de povoado em povoado, os episódios da epopeia. Esses recitais dos aedos possivelmente se deram no ciclo do século VI a.C. Foi nessa tradição oral que se inspirou Homero para compor a sua epopeia.

A *Iliada* é uma epopeia centrada na guerra de Tróia, portanto, guerreira. Ela traduz a luta entre gregos e orientais da jônia na conquista da supremacia do mediterrâneo oriental.

A *Odisseia* é uma epopeia de viagens marcada pelos relatos dos navegantes, os gregos guerreiros que voltavam da guerra de tróia. Essa viagem ou retorno tangenciou o mediterrâneo central. Nestes dois poemas, encontram-se duas virtudes que os gregos primitivos buscavam para sua ascensão. A primeira refere-se à virtude guerreira. A segunda, a curiosidade intelectual, em busca do desconhecido. Ambas sobre a supervisão dos deuses, que participam ativamente nessas epopeias.

Tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia* se faz presente a atuação dos deuses. Na *Iliada* eles tomam partido a favor ou contra os exércitos em litígios, ou seja, alguns favoráveis aos troianos e outros favoráveis aos gregos. Isso determina vitórias e derrotas e até situações bastante específicas de intervenção direta. Na *Odisseia* eles também atuam ou criando problemas a Odisseu ou conseguindo ampará-lo ou inspira-lo na solução dos problemas.

---

<sup>1</sup>Estes dois poemas, *Odisseia* e *Iliada* é uma síntese extraída da obra de Carlos Alberto Nunes. Editora Nova Fronteira, 2015. Não se aborda a questão homérica, supõe-se que tenha sido produzido por Homero.

<sup>1</sup> Na Grécia antiga, cantores que apresentavam suas composições religiosas ou épicas, acompanhando-se da cítara. Orfeu é o mais conhecido deles (HOUAIS, 2009, p. 56).

Sob vários aspectos, os dois poemas se igualam o que justificaria um estudo do conjunto da “poesia homérica”, ou dos princípios estéticos de “Homero”.

Nesta epopeia, são identificáveis os sinais de uma ideia brilhante no pensamento grego: o nascedouro do conceito de infinito por meio da estética, que é revelado através da experiência da categoria de Primeiridade de Peirce. O infinito foi explicitado por meio do conceito de “Apeíron” formulado por Anaximandro, isso mais tarde com os pré- socráticos, já na filosofia.

Em algumas passagens da *Iíada* e da *Odisseia*, a primeiridade revela três formas de experiência do infinito. Essas experiências suscita o sentimento de infinito, da qual o poeta se expressa numa viva compreensão.

Essa questão, embora presente em poetas como Homero, nunca mereceu um estudo detalhado por parte de estudiosos como, por exemplo, *G. Finsler*<sup>2</sup> e outros. A ideia dos infinitos, só foi resgatada no século XX por Rodolfo Mondolfo, que em suas palavras apresenta em forma poética o pensamento de Homero.

Se reparamos nas visões homéricas dos fenômenos naturais (céu, estrelas, mar, montes, forças da natureza) cuja contemplação é apta a suscitar o sentimento de infinito, então não resta dúvida de que nas descrições do poeta se expressa uma viva compreensão do imenso, daquilo que excede a toda medida. A compreensão do imenso está na imensa extensão em que cintilam miríades de estrelas; sua infinita multidão evoca no poeta uma feliz metáfora: a cintilação de luzes inumeráveis, provocadas por milhares de fogueiras refletindo-se nas brilhantes armaduras dos guerreiros, alinhados em grupo ao redor de cada fogo. O poeta conhece a sublime magnificência de semelhante espetáculo, oferecido pela visão da imensidão etérea com inumeráveis luzes estelares, que povoam as distâncias celestes. Esta afirmação também está presente na alma mais simples e ingênua do pastor que sente o encanto do silêncio e na solene quietude da noite não perturbada pelo vento: o coração do pastor se enche de gozo. Sóbria expressão (mas eficaz em sua simplicidade) de uma compreensão estética do infinito, suscitada, no ânimo de quem contempla, pela imensidão do espaço e do número. (MONDOLFO, 1968, p.45).

Nessa citação, percebemos que estão explicitas na experiência de primeiridade, as três formas do sentimento estético do infinito.

Essa experiência não é um privilégio de poetas, artistas e intelectuais; ela é pura liberdade que se faz presente a todos os sujeitos. Esse modo de contemplar o infinito na

---

<sup>2</sup>G. Finsler, *Homer*. Leipzig-Berlin, 1924.

primeiridade mergulha o sujeito no universo de uma totalidade. Há que se observar que a primeiridade é perspassada pelo infinito. Nessa experiência de contemplação, o sujeito se integra à unidade ou totalidade, ou seja, a perda da individualidade é decorrente do integral envolvimento com a totalidade (unicidade se processa fora de qualquer mediação ou consideração racional, por ser eminentemente intuitiva).

Na primeiridade são predominantes as ideias de frescor, vida e principalmente liberdade. “*Livre é aquilo que não tem outro atrás de si determinando suas ações*”<sup>3</sup>. Assim, a liberdade pode ser somente a manifestação em si mesma, não é limitada e nem controlada, ela é variedade e multiplicidade. Neste campo fenomênico (primeiridade) a liberdade flui num *continuum* de qualidades de sentimento, como possibilidade de ser primeiro. Portanto, o primeiro é predominante na qualidade de sentimento, algo totalmente distinto de qualquer relação ou comparação.

A primeiridade é exemplificada como a totalidade da qualidade de sentimento. Isto é perfeitamente compreensível porque a primeiridade não contém partes. Aquilo que está em tudo, ou seja, o todo constitutivo da primeiridade e que é o seu caráter “universal”, só é possível experienciar no presente.

A primeiridade é possibilidade, que só pode ser experienciada no presente, sem referência a qualquer outra coisa. Ela esta no presente em todo “tempo”, é uma consciência que rompe com o passado e o futuro, e se legitima como uma unidade e traz em sua gênese a possibilidade do tempo.

A presentidade como qualidade de sentimento, sem possibilidade de análise, tem como característica a imediatidade.

A primeiridade não possibilita mediação e nem tão pouco uma interpretação analítica porque o presente é apenas o que ele é. Nesse presente temos a imediatidade como núcleo da qualidade. Essa ausência de mediação, ingredientes da qualidade de sentimento, faz com que a experiência de primeiridade possa ser experienciada por qualquer sujeito. Basta olhar e ver a qualidade de sentimento ou qualquer elemento que seja tal qual é, sem relação a nada mais.

---

<sup>3</sup> C.P 1.302. Apud Kómos Noétos. p. 10.

A primeiridade tem como característica a incondicionalidade, que é um estado da mente em que não há consciência de fluxo no tempo; sua duração é a mesma duração do sentimento.

A primeiridade é composta de dois níveis: um interno e o outro externo. No nível da interioridade é composta pela qualidade de sentimento, por aquilo que Peirce denomina de talidade. Esta sensação é sentida pela consciência através da experiência imediata, ou seja, uma experiência na qual não há comparação com outra experiência; apresenta-se como uma para a consciência.

Neste universo de plena liberdade da primeiridade o sujeito flutua num continuum de possibilidades potencialmente genético de toda originalidade. Tal liberdade é constituída por essa unidade monádica de qualidade de sentimento sem dualidade tanto no nível interno quanto no nível externo. Portanto, a primeiridade trás em si a totalidade de uma consciência que é constituída de qualidades de sentimento.

No nível da exterioridade, a primeiridade é representada pela variedade e diversidade da natureza que, segundo Peirce, é sintoma de espontaneidade e apresenta-se para a consciência como unidade na diversidade.

Essa experiência da primeiridade encontra-se em Homero, como a expressão do imenso, e traduz a representação da extensão infinita, ou seja, a noção de imensidão aponta para à ideia de infinito na experiência de contemplação do céu pelo pastor homérico, como na contemplação do mar “sem confins” pelo navegante homérico.

Mas se a ideia do infinito parece ser oferecida ao pastor homérico pela contemplação do céu estrelado que cobre as regiões montanhosas, ela também aparece sugerida, nos mesmos poemas, pela visão das intermináveis distâncias marítimas oferecidas ao navegante, que certamente não tem menos interesse em perscrutá-las atenta e continuamente que em inspecionar constantemente o céu. O navegante homérico entregue em sua nave, que é para ele como um cavalo marinho que transporta pela grande superfície das águas<sup>4</sup>, conhece as imensas solidões oceânicas, cuja extensão não é interrompida por nenhum limite costeiro, e onde o olhar ansioso, que sempre investiga, não vê outra coisa que mar e céu, céu e mar perdendo-se no horizonte<sup>5</sup>, solidões imensas, sem que o olhar vislumbre um litoral seguro, esperança de abrigo ou salvação,

---

<sup>4</sup> ODISSÉIA, IV, 708: “que se tornam, para os homens, cavalos marinhos, e os transportam sobre a grande superfície úmida”.

<sup>5</sup>[MONDOLFO, 1968, p. 46] ODISSÉIA, XII, 403: “Mas, quando deixamos a ilha, não se via mais terra, e sim apenas céu e mar”.

e onde as marés e os ventos arrastam, dias e dias, a embarcação pelo mar infinito sob o mesmo céu sem confins.<sup>6</sup>

As formas mais rudimentares do autêntico problema da primeiridade e infinito são identificáveis implicitamente na experiência do pastor e dos navegantes às voltas com a imensidão do oceano. A impressão do infinito é acompanhada de uma ansiedade e temor, aparece mais viva e poderosa na simplicidade expressiva que lhe dá o poeta.

[...] Outras vezes, ao olhar interrogante do vigia, lançado sobre a imensidão do mar em busca ansiosa do horizonte, oferece-se à visão de alguma ilha solitária, semelhante também a uma nave perdida; então o sentido do infinito, longe de ser atenuado, surge mais vivo, pois aquela ilha, ao invés de indicar um limite na imensidão oceânica, assinala antes um centro a cujo redor alargam as distâncias, até se perderem para além de onde alcança a vista [...].<sup>7</sup>

Um aspecto importante a ser considerado nessa citação, é que o olhar do poeta revela três tipos distintos de sensações do infinito na experiência de primeiridade, todos eles matizados com diferentes tonalidades afetivas, a saber:

o gozo estético e sereno, cheio de encantamento, como no caso do pastor contemplando a quietude da noite estrelada; a ansiedade aniquilante e a opressão angustiosa, como no caso dos marinheiros perdidos nas imensidões oceânicas, à mercê dos ventos e tempestades; e, por último, uma espécie de estupor e assombro, como no caso do vigia, que vê perdida na ilimitada solidão do mar a pequena ilha, a cujo redor a imensidão das águas forma como que uma coroa que se estende ao infinito em toda direção<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Confira também ODISSEIA, XIV, 301-2, onde a mesma visão de céu e mar, sem vislumbre de terra no horizonte, é descrita com as mesmas palavras: “mas quando deixamos Creta” etc.

Essas representações vivas expressam o sentido da imensidade do mar com evidência maior do que pode dar o atributo infinito aplicado às distâncias oceânicas. Cfr. *Iliada*, I, 350 (“sobre o mar infinito”); *Ibid.*, XXIV, 545 (“e o Helesponto infinito”); *Odisseia*, IV, 510 (“pelo mar infinito”). A frase “sobre o mar infinito” reaparece mais tarde em *THEOGNIS*, v. 237; e por certo terá sido frequente também em outros poetas, o que poderíamos comprovar se o patrimônio que nos foi legado não fosse tão cheio de lacunas. Num povo de navegantes, o sentido da infinitude do mar era uma experiência comum.

*Odisseia*, V, 327: “uma grande vaga a levava por cá e por lá, à mercê da corrente”. *Ibid.*, 330: “como a levavam os ventos, para cá e para lá, sobre o mar”. Cfr. também *Odisseia*, IX, 82: “Daí flui por nove dias levado pelos ventos destruidores, sobre o mar povoado de peixes etc.”.

<sup>7</sup>*Odisseia*, X, 194: “Eu vi, pois, tendo subido a um cume rochoso, uma ilha, ao redor da qual o mar infinito formava uma coroa”.

<sup>8</sup>[MONDOLFO, 1968, p. 47] *IIÍADA*, II, 144 – Este fato está expresso como as grandes vagas marinhas do mar de Icaria que são levantadas em seu movimento ora por Euros (vento Este) ora por Notos (vento Sul), soprando das nuvens do pai Zeus: *Ibid.* 209: “como quando vaga do mar bravio se atira contra a grande praia, tornando estrondoso o oceano etc.”. *Ibid.* 394 como quando vaga que chega a se romper ao ser empurrada por Notos contra uma costa elevada, que emerge em forma de promontório: a qual nunca é abandonada pelas ondas (levantadas) pelos ventos de toda espécie, que se levantam aqui e ali, etc. *Iliada*, IV, 422: “como quando na ruidosa praia as ondas do mar se lançam, uma após outra, pela agitação do vento; incha-se primeiro o oceano, mas, imediatamente,

Nesta citação, encontra-se inicialmente no olhar do poeta, ou melhor, a partir da perspectiva do poeta três experiências de primeiridade. A experiência do pastor na montanha com sua visão serena do céu; a experiência do marinheiro no mar matizada pelo temor e ansiedade; a impressão causada pela ilha – perdida na imensidão – do mar, ao vigia. Nessa terceira impressão, merece destaque a expressão coroa que se estende ao infinito em toda direção. Essa terceira experiência parece sintetizar em si as duas outras. Esta experiência é de liberdade e transcendência.

As três experiências de primeiridade apontam francamente para o conceito de infinito e, paralelamente, deflagra a ideia de forças imensas, ideia que por sua vez atrai uma noção de poder infinito.

Como se vê o poeta expressa também um vivo sentimento do poder infinito das forças imensas, cujo desencadeamento enche, pela grandeza de seus efeitos, as vastas regiões do oceano e do céu, bem como as extensões vistas das costas marinhas e a altura das montanhas. Desse ponto de vista, há um profundo sentido da desmedida grandeza das forças desenfreadas.

Desse modo, é que aparece em Homero o homem com sentimento de pequenez ante os enormes poderes de transformação da natureza, que o transcende infinitamente. A imensidão dessas forças desencadeadas se expressa em sua poesia, em termos análogos aos empregados para aludir à imensidade do éter e do mar, que vão significar o que é **sobre-humano, sublime, imenso, inefável**; em síntese, transcende a toda possibilidade de medida e de determinação pela mente humana.

Assim, o conceito de infinito se faz presente em Homero (nas diversas formas em que esse sentimento pode ser suscitado) nas próprias raízes da história espiritual dos gregos. Em lugar das negativas razões geográficas, com que historiadores e críticos eminentes quiseram explicar a pretensa impermeabilidade do gênio helênico para a compreensão do infinito, ao contrário foram encontrados, entre as formas essenciais de sua formação e o determinavam para a concepção e o desenvolvimento tanto da ideia como da educação intelectual, raízes históricas efetivas que o preparavam e sentimento do infinito.

---

ao se romper contra o continente, estremece com força e, ao redor de um promontório convexo, se estende em ponta e cospe a espuma salgada etc.”.

## 2 A PRIMEIRIDADE E O INFINITO NA AMAZÔNIA – PEIRCE – LAURO

Esse sentimento do infinito presente na origem da cultura grega é o mesmo que o poeta Lauro encontrou nas raízes históricas da Amazônia.

Antes de viajar para o universo amazônico, muitos fatos estranhos ocorreram na sua vida. Um deles foi através de um sonho estético. Neste sonho o poeta conheceu o Belo que fez o seguinte convite. Você quer conhecer o cosmo de qualidades de sentimento? Sim é o que mais desejo. Então o Belo respondeu, só existe uma única forma.

O poeta perguntou qual? O Belo respondeu você tem que passar pela experiência de primeiridade e infinito, lembre-se ela acontece apenas uma única vez, esteja preparado, detalhe no interior dela tem uma nave atemporal preparada para realizar a sua viagem. Certo dia, caminhando pelas colinas de Marília, o poeta foi absorvido pela totalidade da experiência de primeiridade e infinito.

Dentro dessa experiência, ele foi conduzido até a nave atemporal e, através do infinito começou a sua viagem em direção ao cosmos de qualidades de sentimento. Na chegada havia um grande portal com a forma de um arco dourado, escrito a seguinte máxima: **Que não entre quem não souber Estética.** Ao abrir o portal, o Belo começou a se revelar na sua totalidade, através de suas formas, cores, odores, sentimentos, amores, sofrimentos, etc..

Nesse momento o poeta ficou extasiado e em silêncio, pois o universo da estética estava sendo revelado na sua plenitude. Foi então que ele recordou o que Peirce havia revelado em um de seus escritos sobre o cosmos de sentimento. Eis o que Peirce (1931) revelou<sup>9</sup>.

Nada mais podemos fazer do que supor que aquelas qualidades sensíveis que agora experimentamos – cores, odores, sentimentos, amores, sofrimentos, surpresas – são somente relíquias de um antigo continuum de qualidades em ruínas, como um punhado de colunas permanecendo de pé aqui e ali como testemunhas de que aqui algum fórum de um velho mundo, com sua basílica e templos, alguma vez constituiu um grandioso conjunto. E assim como aquele fórum, antes de ser construído, tivera uma vaga sob existência na mente daquele que planejou sua construção, também o cosmo de qualidades sensíveis, o qual eu desejaria que supusesse, em algum lugar estágio inicial de ser, ter sido tão real quanto tua vida pessoal é nesse momento, tenha tido num estágio antecedente de desenvolvimento um ser mais vago, antes que as relações de suas dimensões se tivessem tornado definidas e contraídas. (2.VI.197).<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Observação, o cosmo de qualidades de sentimento é a Primeiridade.

<sup>10</sup>SILVEIRA, LAURO F. B. Incursões Semióticas. Coleção CLE, 2014, p.33.

Após recordar os escritos de Peirce, o poeta perguntou ao Belo. O Peirce esteve aqui? Sim, ele esteve e, descreveu exatamente o que você está vendo. Diante dessa contemplação da beleza, o poeta não queria sair mais desse lugar devido às maravilhas que ele viu. Porém, nesse cosmos de qualidades de sentimentos, a lei que determina é a primeiridade, que é única e indecomponível. Ela simplesmente acontece e não permite que ninguém se fixe nesse estágio de experiência.

Após receber a negação de sua permanência, o poeta retorna para sua nave atemporal, e entra no infinito e segue sua viagem em direção às colinas de Marília. Na chegada, completamente extasiado com o que viu, ele passou um longo tempo meditando e escrevendo sobre sua experiência.

Depois de passar alguns anos refletindo sobre os escritos de Peirce, em especial, a categoria de primeiridade, ele recebe outro convite. Só que desta vez é para conhecer a realidade do mundo amazônico.

Nessa viagem noturna, novamente ocorreu a experiência de primeiridade e infinito, quando saiu das colinas de Marília rumo ao universo desconhecido da Amazônia. Ele sentiu alguns fragmentos das ruínas do continuum de qualidades, quando a nave atingiu uma determinada altura, o seu olhar contemplava apenas a dimensão do espaço infinito. Nesse espaço, milhares de estrelas brilhavam evocando nele uma feliz metáfora: um brilho de luzes inumeráveis sobre o céu do Brasil. Por um instante, permaneceu no presente, após sair desse estágio, e começou a relatar o que sentiu.

No presente não há referência com qualquer outra coisa, a primeiridade está no presente na sua totalidade e se legitima como uma unidade e traz em sua gênese a possibilidade do tempo.

Ela não possibilita mediação e nem tão pouco uma interpretação analítica porque o presente é apenas o que ele é. Nesse presente temos a imediatidade como núcleo da qualidade. Essa ausência de mediação, ingredientes da qualidade de sentimento, possibilita qualquer sujeito participar dessa experiência de primeiridade.

Basta olhar e ver a qualidade de sentimento ou qualquer elemento que seja tal qual é, sem relação a nada mais. Ainda, a primeiridade tem como característica a incondicionalidade, que é um estado da mente em que não há consciência de fluxo no tempo; sua duração é a mesma duração do sentimento.

Depois dessa breve descrição, a beleza estética da paisagem amazônica começa a se abrir com todo seu esplendor por meio dos primeiros raios cintilantes do sol. Formas e cores revelam a arte da natureza. Durante todo o dia uma infinidade de obras vão se revelando, para serem admiradas, basta apenas ver. É por isso, que a natureza é uma grande obra de arte.

Ao amanhecer sobrevoando o universo amazônico, o poeta experimenta as matizes das cores, azul e verde, céu e floresta, que são apenas ‘partículas’ de um continuum de qualidades que já estava em ruínas.

O pouso da nave foi suave no aeroporto de Belém no estado do Pará, o professor Sérgio Nunes o aguardava com muita ansiedade. Logo após o encontro, o professor conduziu-o a um hotel, para descansar, porém, sua mente não parava de pensar. Em um determinado momento, recordou o poema de Homero, e substituiu os personagens gregos pelos representantes da cultura da Amazônia. Assim, ele concebeu o poema da seguinte forma:

Mas se a ideia do infinito parece ser oferecida ao índio pela contemplação do céu estrelado que cobre as regiões da floresta, ela também aparece sugerida, nos mesmos poemas, pela visão das intermináveis distâncias do rio Amazonas oferecida ao barqueiro, que certamente não tem menos interesse em perscrutá-las atenta e continuamente que em inspecionar constantemente o rio. O barqueiro entregue em sua voadora, que é para ele como um boto que transporta pela grande superfície das águas<sup>11</sup>, conhece as imensas solidões do rio, cuja extensão não é interrompida por nenhum limite costeiro, e onde o olhar ansioso, que sempre investiga, não vê outra coisa que floresta e céu, céu e floresta perdendo-se no horizonte<sup>12</sup>, solidões imensas, sem que o olhar vislumbre um porto seguro, esperança de abrigo ou salvação, e onde as ondas e os ventos arrastam, dias e dias, a embarcação pelo rio infinito sob o mesmo céu sem confins.<sup>13</sup>

Essas formas mais simples do autêntico problema da primeiridade e infinito na Amazônia são identificáveis implicitamente na experiência dos índios e dos barqueiros às voltas com a imensidão do rio Amazonas. A impressão do infinito é acompanhada de uma ansiedade e temor, que surgem viva e poderosa na simplicidade expressiva que lhe dá o poeta.

[...] Outras vezes, ao olhar interrogante do barqueiro, lançado sobre a imensidão do rio em busca ansiosa do horizonte, oferece-se à visão de alguma ilha solitária, semelhante também a uma nave perdida; então o sentido do infinito, longe de ser atenuado, surge mais vivo, pois aquela ilha, ao invés de indicar um limite na imensidão do rio, assinala antes um centro

<sup>11</sup> Idem, p.6. Observação, as repetições dos poemas se faz necessário para mostrar que não há diferença nas duas experiências de primeiridade e infinito.

<sup>12</sup> Idem

<sup>13</sup> Idem

a cujo redor alarga as distâncias, até se perderem para além de onde alcança a vista [...] <sup>14</sup>.

Um ponto importantíssimo nessa citação, é que o olhar do poeta revela, por meio das ruínas do cosmos de qualidades, três tipos distintos de sensações do infinito na experiência de primeiridade, todos eles matizados com diferentes tonalidades afetivas, a saber:

o gozo estético e sereno, cheio de encantamento, como no caso do índio contemplando a quietude da noite estrelada no céu da Amazônia; a ansiedade aniquilante e a opressão angustiada, como no caso dos barqueiros perdidos nas imensidões do rio, à mercê dos ventos e tempestades; e, por último, uma espécie de estupor e assombro, como no caso do ribeirinho, que vê perdida na ilimitada solidão do rio a pequena ilha, a cujo redor a imensidão das águas forma como que uma coroa que se estende ao infinito em toda direção. <sup>15</sup>

Nesta passagem do poema, o poeta identificou três experiências de primeiridade. 1) A experiência do índio na floresta com sua visão serena no céu da Amazônia. 2) A experiência do barqueiro no rio matizada pelo temor e ansiedade. 3) A experiência do ribeirinho causada pela ilha – perdida na imensidão – do rio.

Essa terceira experiência revela o conceito de círculo, que o poeta identificou por intermédio da definição dos antigos gregos, como a volta sobre si mesmo. Une o fim ao princípio, mas constitui a própria negação de todo princípio e de todo fim, porque nele qualquer princípio pode ser considerado como fim e qualquer fim como princípio.

Dessa maneira, podemos constatar que, a partir de qualquer ponto, o movimento retrógrado ou progressivo sobre ao longo dele pode ser continuado sem fim. Os gregos tinham perfeita consciência dessa “infinitude” do círculo e, por conseguinte, do movimento e do tempo que são representados sob essa forma.

Embora o ribeirinho não possua o conhecimento filosófico do conceito de círculo dos antigos gregos, implicitamente este conceito está presente na sua formação, como eternidade, e só pode ser compreendido, por meio da observação.

Essas três experiências de primeiridade e infinitos revelados nos poemas de Homero são as mesmas que o poeta Lauro identificou, através dos mesmos poemas de Homero na cultura amazônica. Essa identificação pode ser representada do seguinte modo: pastor e índio, marinheiro e barqueiro, vigia e ribeirinho. Tanto os representantes da cultura grega antiga e os

---

<sup>14</sup> Idem, p. 6

<sup>15</sup> Idem confira p. 7.

representantes da cultura amazônica, por meio da descrição dos poemas, têm como fundamento, as mesmas experiências de primeiridade e infinitos. O que diferencia essas experiências é o nosso tempo cronológico. Isto é, uma ocorreu no séc. VI a.C., a outra no séc. XXI d.C. Mesmo separadas no tempo cronológico. Como já afirmamos, a primeiridade e os infinitos, são atemporais e indecomponíveis.

Assim, podemos afirmar que existe uma unidade na experiência de primeiridade e infinito. Como exemplo, para justificar esta afirmação, temos as três experiências dos poemas.

Assim, podemos afirmar que existe uma unidade na experiência de primeiridade e infinito. Como exemplo, para justificar esta afirmação, temos as três experiências dos poemas, unidas na sua forma.

- 1) Como no caso do pastor contemplando a quietude da noite estrelada; Como no caso do índio contemplando a quietude da noite estrelada no céu da Amazônia.
- 2) A ansiedade aniquilante e a opressão angustiosa, como no caso dos marinheiros perdidos nas imensidões oceânicas, à mercê dos ventos e tempestades. O barqueiro entregue em sua voadora, que é para ele como um boto que transporta pela grande superfície das águas, conhece as imensas solidões do rio, onde as ondas e os ventos arrastam, dias e dias, a embarcação pelo rio infinito sob o mesmo céu sem confins.
- 3) Uma espécie de estupor e assombro, como no caso do vigia, que vê perdida na ilimitada solidão do mar a pequena ilha, a cujo redor a imensidão das águas forma como que uma coroa que se estende ao infinito em toda direção. Uma espécie de estupor e assombro, como no caso do ribeirinho, que vê perdida na ilimitada solidão do rio a pequena ilha, a cujo redor a imensidão das águas forma como que uma coroa que se estende ao infinito em toda direção.

Nessas três experiências dos poemas é que se encontram a unidade da primeiridade e infinito. Como se pode notar, o poeta apenas substituiu o pastor pelo índio, o marinheiro pelo barqueiro e o vigia pelo ribeirinho.

Portanto, neste artigo, foi revelado pelo Semioticista e poeta, Lauro Frederico Barbosa da Silveira. A Primeiridade e o Infinito na Grécia Antiga e na Amazônia como unidade atemporal.

## REFERÊNCIAS

- FINSLER, G. *Homer*. Berlin: Leipzig, 1924.
- HOUAISS, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- IBRI, I. A. *Kósmos Noétos*. São Paulo: Ed. Perspectiva / Holon, 1992.
- MONDOLFO, R. *O Infinito no pensamento da antiguidade clássica*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- NUNES, C. A. *Ilíada e Odisseia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
- PEIRCE, Charles. *Collected papers of Charles S. Peirce*. C. Hartshorne, P. Weiss (eds.) v.1–6, e W. Burks (ed.), v. 7 – 8. Cambridge: Havard University Press, 1931 – 1958.
- SILVA, A. A. *Considerações Sobre Primeiridade e Continuidade na Fenomenologia de Charles S. Peirce*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). PUC/São Paulo, 1999.
- SILVEIRA, L. F. B. da. Observe-se o fenômeno: forma e realidade na semiótica de Peirce. In: *Incurões Semióticas*. Coleção CLE, v. 65, p. 2331, 2014.

---

SILVA, Adelio Alves da. A Primeiridade e Infinito na Grécia Antiga e na Amazônia. *Complexitas - Rev. Fil. Tem.*, Belém, v. 1, n. 2, p. 52-64, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/4367>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

---